

PROJETO ESTAÇÕES ORQUÍDEA: unidades permaculturais biodinâmicas

Aprendizado, Pesquisa, Transdisciplinaridade

Eduardo Antonio Bonzatto

Leandro Gaffo

Luana Manzione Ribeiro

“Quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é virar o opressor”.

Paulo Freire

RESUMO

Este artigo objetiva apresentar uma experiência metodológica que privilegia todo e qualquer processo de aprendizagem de maneira igualitária, pautada em afeto, solidariedade, liberdade e leveza. A proposta tem inspiração nas teorias da Permacultura e no princípio dialógico, preconizado por Paulo Freire. Trata-se de um conjunto de experiências que agora se coadunam num projeto replicável e adaptável a diversas realidades e locais. Lidando com populações locais, seus saberes, práticas, experiências e tradições, potencializando-os com os saberes acadêmicos e as vivências proporcionadas por estas relações compõem a epistemologia deste trabalho. O Projeto das Estações Orquídea: unidades permaculturais biodinâmicas vem atualmente ocorrendo em cinco pontos do território brasileiro (Carapicuíba – SP, Itapeverica da Serra – SP, Juazeiro do Norte – CE, São Paulo – SP e Teixeira de Freitas – BA) em estágios diferenciados de implantação.

Palavras chave: Afeto, novas metodologias, educação e Permacultura.

As diferenças entre um documento e sua implementação, por vezes, traduzem bem a distância de uma intenção diante dos obstáculos para sua realização. Dos muitos caminhos que percorre essa distância, o que aqui se tratará é de ações, práticas e movimentos que buscam minimizar esta distância. Mas também aqui estaremos diante de um projeto, um lançamento para outro futuro, até que os vestígios desse caminho sejam palmilhados, titubeantes, erráticos,

confusos, num sentido, com cuidado, atenção e comprometimento. Palmilhados coletivamente, esse novo projeto é um fazer isolado que anseia por parceiros.

Esse traçado certamente tem inspiração na obra e prática do educador Paulo Freire que, a todo momento, nos remete à relevância de uma educação/reflexão pautada nas diversas formas/espços/relações com as quais podemos realizar trocas de saber/fazer e fazer/saber. Em texto da obra *“Por uma Pedagogia da Pergunta”* (2013), escrita a partir de diálogos com Antonio Faundez, Freire nos lembra que em nossos processos de aprendizagem devemos estar abertos ao mundo, à natureza, à oralidade, pois nos possibilitam vivências mais livres, leves e afetivas. Os protagonistas da obra relatam que o formato escolhido para fazê-lo (diálogo) deve-se ao fato da necessidade da ruptura da acomodação intelectual e relevância do trabalho intelectual coletivo que só ocorre por meio do diálogo constante.

Por isso nosso artigo foi escrito a seis mãos e por tantas outras que participaram de nossas vidas. O fazer acadêmico deve mudar sua práxis desvincilhando-se das amarras do conhecimento e, portanto, do poder. O diálogo preconizado por Freire e Faundez (2013) e Freire e Shor (2013), não se trata de mero gênero textual, mas de exercício intelectual de desapego e de negociação, abrindo mão de, egocentricamente, desfilas conhecimentos sobre aquilo que se imagina conhecer.

Nosso texto visa compartilhar reflexões e ações que permearam e permeiam nossa prática como educadores. A partir de diversas experiências educativas aplicadas em diferentes espaços e relações desde universidades públicas e privadas; escolas de ensino fundamental e médio e espaços não escolares como áreas de urbanização do município de São Paulo, formações de catadores, jardineiros e etc.

A práxis utilizada como “ponto de partida” para nossas experiências é a da PERMACULTURA, trata primeiramente de uma Cultura do Permanente em detrimento de uma Cultura do Descarte, mas isso não deve ser confundido com uma cultura estática, muito pelo contrário. Essa cultura do permanente recusa a cultura da permanência, no sentido de imobilidade, por seu caráter de constante mudança. Tal conceito surgiu com Bill Molisson e David Holmgren na Austrália e chegou ao Brasil há cerca de 20 anos. Hoje existe uma rede de permacultores no Brasil e no mundo que produzem experiências bastante interessantes que devem ser conhecidas e apropriadas.

Caracteriza-se pela falta de roteiro, de fórmulas, de pré-requisitos. A forma de abordar a realidade, de reconhecer o problema e de procurar e encontrar soluções em nível local exige uma postura coletiva, criativa e inovadora constante, ancorada na discussão, no diálogo e na pesquisa.

A Permacultura é um modo de percepção dos sistemas vivos, sejam naturais ou sociais, por meio das relações entre seus elementos que se dispõem na forma de assembleia com determinando arranjo (Design). Um Design Permacultural permite, a partir da observação e estudo dessas relações entre os elementos, aperfeiçoar o sistema para que ele se torne mais eficaz, ou seja, se transforme num sistema com a mínima entrada e perda de energia possível. Entenda-se energia aqui, como qualquer coisa consumida pelo sistema para manter-se. Materiais, ideias, força física, inovações tecnológicas, sementes, insumos agrícolas, dinheiro, etc são alguns exemplos.

Num Design Permacultural as relações entre os elementos da assembleia são potencializadas pela inovação tecnológica que se transforma em tecnologia de convivência. Conforme nos diz o educador Tião Rocha, as TICs (Tecnologias de Informação e Comunicação) devem se transformar em TACs (Tecnologias de Aprendizagem e Convivência). Segundo Tião, a disponibilidade excessiva de tecnologias de informação e comunicação (notebooks, tablets, redes sociais) não tem serventia alguma se não forem convertidas em ferramentas que promovam mais aprendizagem, afetividade, solidariedade e convivência, desta maneira, as TICs não devem aprofundar os níveis de desigualdade já existentes, mas contribuir para atenuá-los.

Num processo permacultural se pode experimentar e desenvolver a prática dialógica preconizada por Paulo Freire (2013), pois ela promove o encontro, a parceria, a aprendizagem mútua, a convivência íntima, a troca, a discussão, o conflito de ideias. É nela que se pode vislumbrar a oportunidade de fazer aflorar novas formas de relação para além das imposições impessoais do sistema capitalista global conforme o descreve Milton Santos (2008). Essa impessoalidade e individualismo vigente que desumanizam as relações e que as tornam coisa apropriável. O Design Permacultural difere do convencional essencialmente por apresentar formas inovadoras de utilização e reaproveitamento de elementos do sistema tornando-o cada vez mais eficiente e autônomo. Nele, a inovação e a tecnologia estão a serviço e alinhadas às formas tradicionais de cultura buscando melhorar a vida das pessoas na resolução de problemas socioambientais.

Metodologicamente toda essa reflexão pode ser traduzida em formato de oficinas e pesquisa-ação, imersões, resoluções de problema prevalecerão sobre formas tradicionais de ensino. Tal conversão se dá pela Pedagogia da Roda e dela dependem as atividades e produções que transformam salas de aula em oficinas de produção de novos saberes e de tecnologias de convivência. Os elementos fundamentais desse movimento são a tradição, os saberes e a experiência. Nesse sentido, o caminho percorrido sempre é horizontal e nunca vertical. Em inglês existe uma forma de chamar isso: sistema botton-up, mas sempre horizontalmente, impedindo que os sistemas de poder engessados se intrometam.

A partir desta apresentação cabe, neste momento, voltar a seu título, explicar sua escolha e definições. Pensa-se que parceiros, já estabelecidos e futuros, recebam a denominação de ESTAÇÃO ORQUÍDEA, título que aproxima tais unidades de uma das melhores qualidades dessa planta. A ORQUÍDEA é uma planta magnífica. Não é só bela e rara em sua variedade, mas seu sistema de vida é um exemplo que devemos perseguir: cada orquídea é autossuficiente. Plante-a num poste de aço e ela florescerá lindamente. Porque é capaz de coletar toda alimentação, água, energia que precisa para viver e quando cultivada em contato com outras, além dessa propriedade fantástica de viver autonomamente, congrega uma vitalidade energética que se esparge e uma vigorosa relação coletiva ainda mais impressionante. Não concorre com outras, mas converge sua energia numa egrégora de beleza e longevidade. As estações ORQUÍDEA, portanto, devem fazer parte de um movimento emergente e viral de alastramento de redes colaborativas na pulverização de valores de humanização das relações interpessoais e com o planeta. Esse sistema vital funciona da seguinte maneira: a plantinha precisa de muito cuidado até conseguir se incorporar de vida. Mas uma vez que essa vida assume, ela é totalmente autônoma. Têm sistema próprio de reserva de água e alimento, sabe perfeitamente como lidar com o sol, com a poluição, com o ambiente. A orquídea vive sozinha em suas múltiplas inter-relações com tudo que a rodeia. E esse exemplo de independência e interdependência me parece forte o suficiente para inspirar outros movimentos vitais.

Para que propostas como esta se concretizem urge que nos atentemos às premissas referentes aos tipos de relação a serem estabelecidos, estes devem atender aos seguintes níveis: MICRO: atuação de nível local, em que se proporciona relações entre os estudantes, os professores, a comunidade; relações intersubjetivas.

MÉDIO: as redes informacionais ligam as várias células num ambiente expansivo de trocas e de circulação de ideias e de valores; relações virtuais.

MACRO: atuação política mais ampla, contra movimentos verticalizados que invertem a lógica do conceito de educação, ou seja, em que este deixa de ser compreendido como um processo de interrelação igualitária e constante.

As tecnologias de convivência, como designa o termo, serão resgatadas para fazer convergir num diálogo profícuo as diversas vozes, saberes, experiências, de sujeitos sociais distintos atingindo um nível de complexidade (no sentido etimológico de “tecer juntos”) capaz de provocar ao mesmo tempo e segundo os ritmos de cada um, solidariedade, autonomia, tolerância, criatividade, afetividade, Nesse sentido, o aprendiz e mestre tecelão, em sua simbiose dialética terão de experimentar a textura dos fios, o movimento do tear, as várias possibilidades de produção de design, de mistura de cores, de variação de tecidos.

De suma importância, no entanto, é a compreensão dessa mudança epistemológica e prática que deverá ser desenvolvida por educadores de todas as áreas. Entendemos que esta mudança de cultura integra um processo lento e intenso que será vivenciado durante toda sua implantação e cada unidade irá construí-la e formatá-la a partir de suas experiências e emergências.

Já temos em funcionamento ou em discussão várias unidades: na FNC, Faculdade Nossa Cidade, em Carapicuíba, numa escola pública em Itapeverica da Serra, nas três unidades do Cursinho da Poli em São Paulo, na Universidade Federal do Cariri, na Universidade Federal do Sul da Bahia.

Nessas unidades de trabalho, cada estação Orquídea funciona com as demandas locais. Genericamente, são unidades leves de Permacultura, basicamente operando com cinco pontos como os dedos das mãos: construção de habitações estruturais em terra, bambu, etc., coleta e reserva de água de chuva, sistemas híbridos de captação de energia, saneamento ecológico, alimentação.

No que se refere à alimentação, uma revolução das hortas ocorre em todas as unidades. Considerando que as casas simplesmente erradicaram espaços de terra, o plantio de hortas em garrafas pet e a coleta de chorume em composteiras domésticas operam um ciclo virtuoso e

altamente político de confronto com as redes de hipermercados, contra as inundações de venenos e de químicas nos produtos e a favor de uma reeducação alimentar e política.

As estações Orquídea anseiam pela emergência, buscando as artérias das comunidades e das pessoas num fluxo de vozes e de ações e de contaminações por um envolvimento de valores, ideias e práticas, em que “cada um de nós é todos os outros”, como diz Mia Couto.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo e FAUNDEZ, Antonio. *Por uma Pedagogia da pergunta*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

_____ e SHOR, Ira. *Medo e Ousadia: o cotidiano do professor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

MOLLISON, Bill & SLAY, Reny Mia. *Introdução à Permacultura*. Austrália: Tagari Publications Tyalgum, 1991.

ROCHA, Tião. “É possível fazer educação de qualidade sem escola”. Disponível em: <http://www.inclusive.org.br/?p=24298>. Acesso em: 27/06/2014.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único a consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2008.